

primeira notícia sobre a Estação do Neolítico Antigo de Cortiços (Benfica do Ribatejo, Almeirim)

João Luís Cardoso, João Pimenta e Henrique Mendes

[Universidade Aberta e Museu Municipal de Vila Franca de Xira – Texto: Nov. 2010]

1. CIRCUNSTÂNCIAS

E NATUREZA DA DESCOBERTA

No seguimento do projecto de estudo sobre a ocupação pré-romana na área de Porto do Sabugueiro (PIMENTA e MENDES 2008), dois dos signatários (JP e HM) tomaram conhecimento, através da base de dados *Endovélco* do IGESPAR, da existência, nas imediações daquele sítio arqueológico, de uma outra ocorrência arqueológica, correspondente à identificação, na década de 1980, de uma necrópole da Idade do Ferro, aquando da construção do centro de saúde de Cortiços.

Trata-se do sítio de Alqueva da Branca, situado junto à povoação de Cortiços, freguesia de Benfica do Ribatejo, concelho de Almeirim, apresentando o Código Nacional de Sítio n.º 4791.

Face a esta ocorrência e perante o interesse de uma estação desta época para o entendimento do povoamento na Idade do Ferro da área em análise, efectuámos uma visita de reconhecimento ao local no mês de Março de 2010.

Ao contrário do que seria espectável, não nos deparámos com uma estação proto-histórica, mas sim com uma invulgar estação pré-histórica datada do Neolítico Antigo. Foi a percepção do significado desta descoberta e da sua relevância científica e patrimonial que conduziu ao contacto com o primeiro signatário deste artigo.

Confirmado o elevado interesse científico desta ocorrência, numa nova deslocação em companhia

do primeiro signatário ocorrida pouco depois, foi decidido apresentar um pedido de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos ao IGESPAR, por este subscrito, apresentado a 9 de Julho de 2010 e superiormente autorizado a 21 do mesmo mês, para a realização de prospecções intensivas, susceptíveis de permitirem a identificação da área de maior concentração de vestígios, a qual seria, numa segunda fase, objecto de escavação.

O interesse em proceder, de forma rápida e atempada, à pretendida intervenção arqueológica decorria da intensidade da construção de moradias unifamiliares na área de interesse arqueológico, as

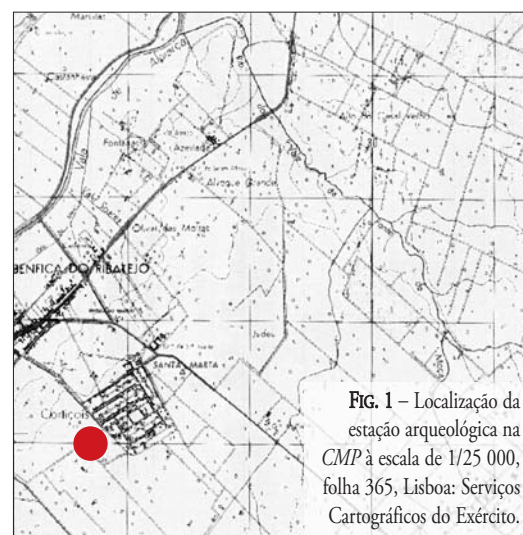


FIG. 1 – Localização da estação arqueológica na CMP a escala de 1/25 000, folha 365, Lisboa: Serviços Cartográficos do Exército.

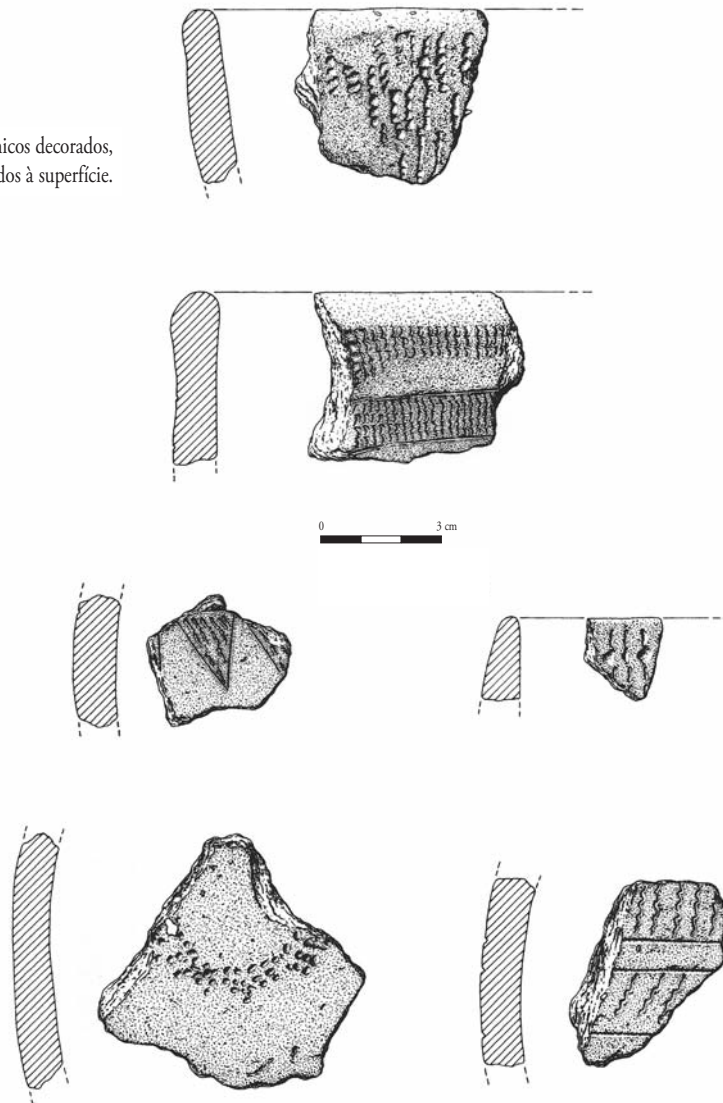


FIG. 2 – Vista parcial da área de dispersão de vestígios.



FIG. 3 – Exemplar cerâmico decorado, aquando da sua recolha, à superfície do terreno.

FIG. 4 – Materiais cerâmicos decorados, recolhidos à superfície.



DESENHOS: F. Martins.

quais, a breve trecho, poderiam atingir a totalidade da zona com maior concentração de vestígios, inscrevendo-se, por conseguinte, na categoria D de trabalhos arqueológicos.

A estação pré-histórica de Cortiçóis desenvolve-se para Sul da povoação homónima, numa extensa área de antigos terrenos agrícolas arenosos, correspondentes à superfície de um baixo terraço da margem esquerda do Tejo.

Dispersos pelo terreno eram visíveis inúmeros fragmentos de cerâmica manual e elementos líticos de sílex e de quartzito, muito aumentados pelos trabalhos de prospecção intensiva efectuados posteriormente no local.

A par desta ocupação neolítica, dispersos pelo terreno detectaram-se materiais cerâmicos de época romana tardia, indicadores aparentemente de uma

frustre ocupação de cariz rural. Entre os materiais recolhidos destaca-se a presença de cerâmica de construção – *tegulae*, *imbrices* e *lateres* – e um bocal de ânfora romana Lusitana do tipo Almagro 51C.

2. LOCALIZAÇÃO E TRABALHOS EFECTUADOS

A estação estende-se por vasta área de declive suave para o vale do Tejo, possuindo o ponto central as coordenadas de 39° 8' 13,96" Lat. N e 8° 40' 56,71" Long. W de Greenwich.

A prospecção aturada da superfície do terreno permitiu localizar uma área mais circunscrita onde se verificava maior concentração de materiais arqueológicos. Infelizmente, tal área já se encontrava muito prejudicada pela construção de diversas moradias unifamiliares, apresentando-se totalmente loteada.

Ainda assim, mercê do bom entendimento estabelecido com os promotores da urbanização, a empresa Malfeito Ferreira, Investimentos Imobiliários Lda., na pessoa da Sr.ª Dr.ª Helena Xavier da Cunha e sua Exm.ª Família, foi possível efectuar uma intervenção arqueológica limitada a um dos lotes ainda não vendidos, dirigida pelo primeiro signatário, em colaboração com o Prof. António Faustino de Carvalho, da Universidade do Algarve. Os respectivos resultados serão apresentados em futuro próximo e confirmaram a excepcional abundância de achados cerâmicos e líticos do Neolítico Antigo (talvez já de uma fase evolucionada adentro do respectivo faseamento). Nestes termos, as conclusões por ora possíveis, perante as evidências recuperadas (tanto da prospecção, como da escavação, realizada entre 13 e 25 de Setembro de 2010), apresentam-se de seguida.

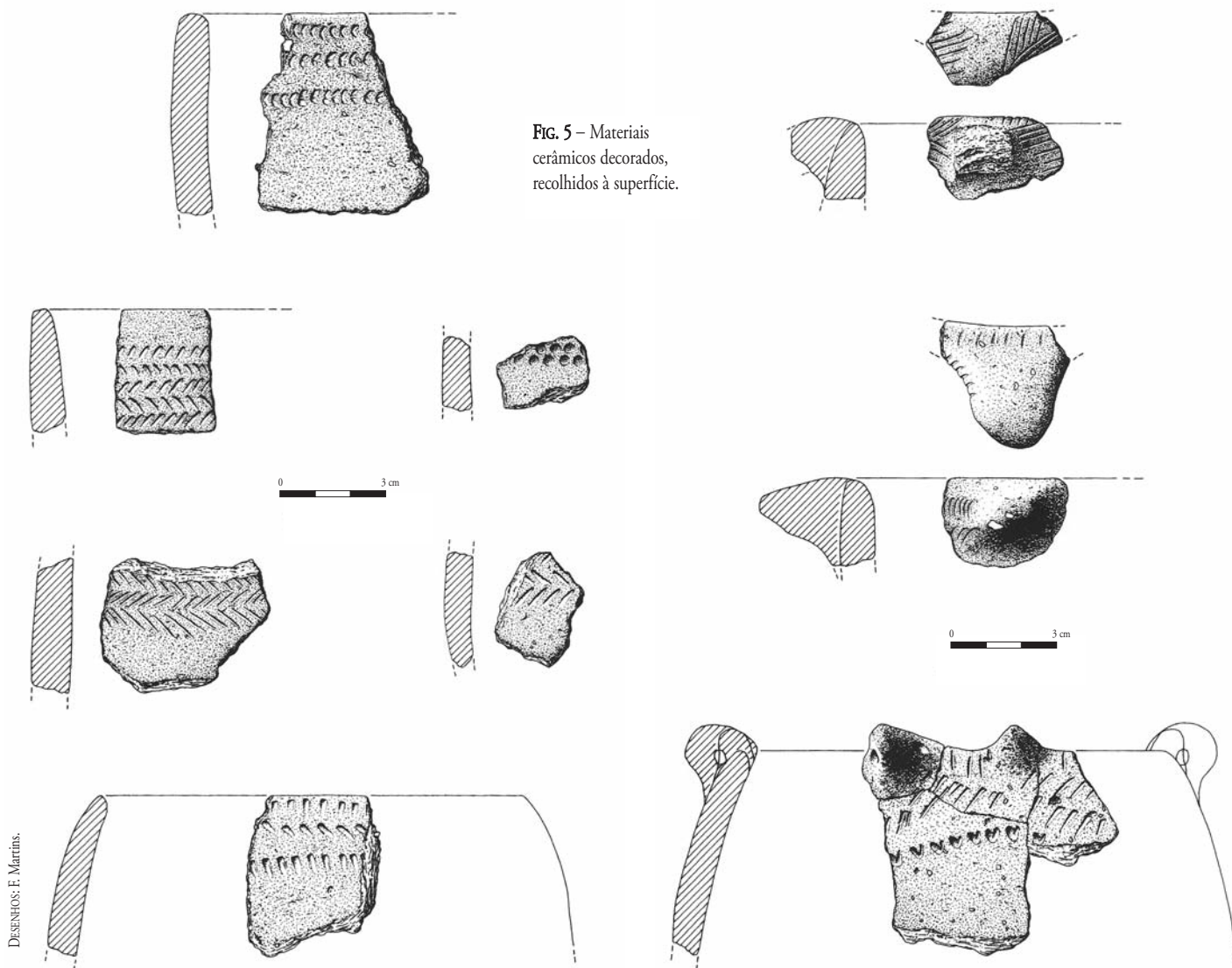


FIG. 5 – Materiais cerâmicos decorados, recolhidos à superfície.

DESENHOS: F. Marrins.

3. CONCLUSÕES PRELIMINARES

3.1. Trata-se de uma estação do Neolítico Antigo Evolucionado do território português e a primeira que se investiga na margem esquerda do vale do Tejo a montante dos célebres concheiros mesolíticos de Muge. Terá sido ocupada após o abandono destes, cerca de 5000 a.C.

É, assim, muito provável que descendentes dos derradeiros habitantes dos concheiros, praticantes de uma economia de pura caça/recollecção, tenham sido substituídos por outros, que adoptaram, pela primeira vez na região, uma economia de produção (agricultura e animais domésticos, sobretudo ovino/caprinos e bovinos).

3.2. A escavação não revelou nenhuma estrutura de carácter habitacional, devido ao intenso revolvimento dos terrenos provocado pelas lavou-

ras mecânicas, que atingiram mais de um metro de profundidade, até ao substrato geológico, constituído por areias amarelo-alaranjadas, relacionadas com um terraço plistocénico da margem esquerda do Tejo. No entanto, a prova de que tais estruturas deveriam ter existido na área interencionada, é fornecida pela recolha de numerosos termoclastos (seixos rolados de quartzito e de quartzo estalados pelo fogo), utilizados em empedrados que, depois de aquecidos, funcionavam como grelhadores.

3.3. A cronologia desta importante ocupação, que se desenvolvia através de núcleos de carácter habitacional pouco afastados uns dos outros, ao longo de toda a suave encosta arenosa que pende para o Tejo, com uma particular concentração na zona mais alta, correspondente à área parcialmente investigada, deve remontar à primeira me-

tade do V milénio a.C. (cerca de 5000-4500 a.C.), com base nos materiais exumados.

3.4. Entre o espólio, avulta a cerâmica decorada, especialmente a ornamentada por motivos de um evidente barroquismo, produzidos por impressão de matrizes de diversas formas na pasta fresca da superfície dos recipientes. Tais motivos estão associados a decorações plásticas (mamilos, cordões em relevo) e, mais raramente, a ornatos incisos.

As indústrias líticas são quase exclusivamente de sílex (estando também presente o cristal-de-rocha), matéria-prima que era explorada na margem direita do Tejo, especialmente na região de Rio Maior (de onde provinha a variedade castanho-avermelhada, muito frequente), a partir da qual se talharam diversos utensílios, com destaque para os característicos micrólitos de forma geo-

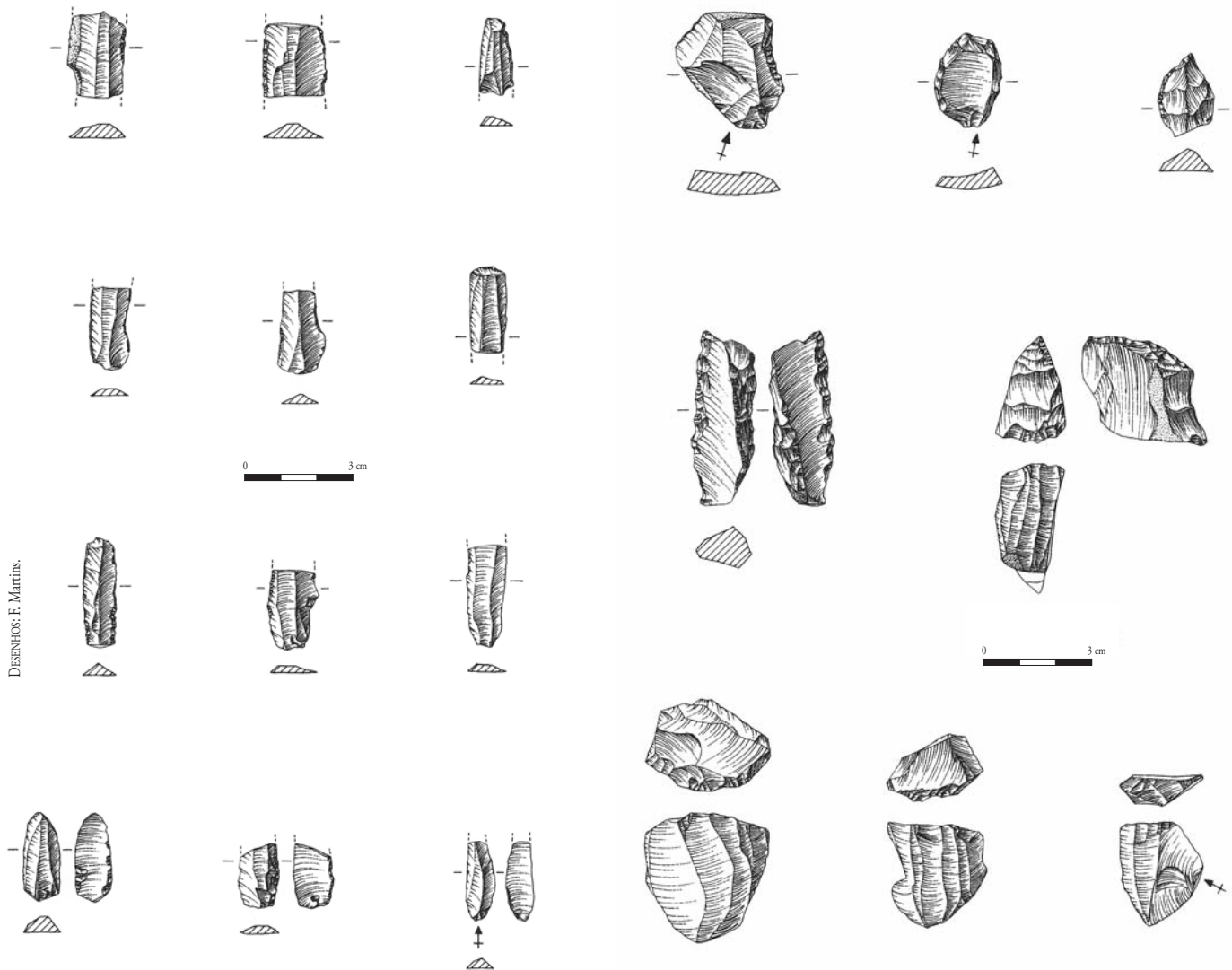



FIG. 6 – Indústrias líticas, recolhidas à superfície.

métrica (crescentes ou segmentos), providos de finíssimos retoques nos bordos, os quais eram montados em cabos, ou, em alternativa, utilizados como pontas de projectil.

Infelizmente, a natureza muito ácida dos terrenos não permitiu a conservação de restos orgânicos (conchas e ossos de animais), susceptíveis de fornecerem indicações precisas sobre as bases alimentares da comunidade ali sediada e, por conseguinte, a natureza mais ou menos prolongada, da respectiva ocupação.

3.5. As conclusões gerais apontam, assim, para uma comunidade constituída por algumas dezenas de pessoas, no máximo, habitando de forma pacífica e provavelmente sazonal o local, já que não foram encontrados elementos que indiquem uma ocupação peri-anual, como elementos de moagem de cereais.

No entanto, aceitando esta hipótese, dada a assinalável abundância de materiais exumados, pode admitir-se que se trataria de um grupo que, ao longo de muito tempo, retornaria ao mesmo local. Pode dizer-se que se trata da primeira evidência de povoamento organizado na região, através de uma pequena comunidade, pioneira na produção dos seus alimentos, e não apenas caçadora/recolectora, como as suas antecessoras da região de Muge/Salvaterra de Magos.

Entre as razões que conferem ao local evidente interesse científico, avulta o facto de ser a primeira vez que, como se disse, se identifica na região uma estação desta época, potenciando um amplo conjunto de comparações com as suas antecessoras mesolíticas, e, por esta via, um conhecimento das vias que presidiram à génese das primeiras comunidades produtoras da região. 

BIBLIOGRAFIA

CARDOSO, J. L. (2002) – *Pré-História de Portugal*.

Lisboa: Verbo.

PIMENTA, João e MENDES, Henrique (2008) –

“Descoberta do Povoado Pré Romano de Porto do Sabugueiro (Muge)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11 (2): 171-194.